



LISBOA, 3 de Abril de 1914



D. CUNHA E COSTA

# DR. CUNHA E COSTA

*Não ha outra republica! ha esta ou nenhuma. N' estas condições, todos quantos deveras se esforçam pelo restabelecimento das liberdades e garantias essenciaes do cidadão, indirectamente cooperam n' uma restauração, e como nunca collaboræ inconscientemente, fosse no que fosse, é claro que, a partir d' este momento, e ainda que o não declarasse, seria para toda a gente e para todos os effeitos tãta e havi-como monarchico.*

*Monarchico sou, com effeito, a partir d' esta simples declaração. Mas tambem faltava aquella absoluta lealdade que orienta todos os meus actos se clamorosamente affirmasse o meu terror monarchico. Esse, não o posso ter. Durante vinte annos combati a monarchia, como pude e soube, e quem assim procedeu não é agora, em certos mezes que improvisa lo realengu e braço heraldico. Adopto a solução monarchica por puro patriotismo, a frio, racionadament, por outra não haver melhor, e, já se deixa ver, o meu partido monarchico continua a ser o que o meu partido republicano foi.*

Esta publica declaração do sr. dr. Cunha e Costa, inserta na *Nação*, pode considerar-se um dos acontecimentos politicos mais importantes dos ultimos tempos.

Na attitude do eminente jurisconsulto ha que registrar separadamente dois aspectos: o valor pessoal do nosso novo correligionario, e as razões que o levaram a proceder assim. No primeiro caso vamos encontrar, não apenas um homem de valor, erudito como advogado e brilhante como jornalista, mas uma figura de excepcional grandeza, unica talvez na historia contemporanea, se a encarmos sob o ponto de vista de *abundancia de recursos intellectuales* na tribuna, no fóro e nas letras. Não conhecemos, nem na actual geração existe, quem *abranja tanto*, porque já difficil se torna encontrar quem brilhe por merecimento proprio n' um só d'esses campos, quanto mais, conjunctamente, em todos elles.

Organismo privilegiado encerrando um privilegiado espirito, com o sr. dr. Cunha e Costa dá-se precisamente este phenomeno: vence sempre onde chega, quer chegue á barra do tribunal, quer chegue ás columnas da imprensa, quer chegue ao estrado da conferencia.

E vence porque difficilmente encontrará antagonista á altura da sua palavra.

Dizia-nos alguém, um dia, fallando d' este assombroso espirito, depois de o sr. dr. Cunha e Costa ter produzido maravilhas de eloquencia na defeza d' uns accusados politicos, durante tres dias, n' um tribunal marcial, factó que tinha coincido com a publicação d' um sensacional artigo de seis columnas sobre uma investigação historica onde a critica e o saber corriam paralellamente com o brilhantismo do estylo: *chega a causar revolta ver tanto talento n' um homem só.*

Se pretendessemos fazer a biographia do sr. dr. Cunha e Costa, reproduziríamos apenas aquella phrase, porque n' ella está synthetisada toda a verdade e toda a justiça.

Dissémos porem no começo d' estas linhas que dois aspectos havia a registrar na declaração de fé monarchica do antigo republicano. Com effeito, assim é. E, como ao seu valor pessoal impossivel se torna prestar a devida homenagem no curto espaço d' estas columnas — porque para a prestar devidamente sem cahir na banal adjectivação corriqueira, seria necessario analysar todos os seus trabalhos de 20 annos de vida intensa e fecunda — limitamo-nos apenas n' este ponto a gravar o seu nome como n' um *indice*.

O segundo aspecto da attitude assumida pelo sr. dr. Cunha e Costa é por certo aquelle d' onde mais proveitosa lição ha a tirar. Porque procedeu assim o antigo tribuno da republica?

Vejamos primeiro em que poderiam filiar este gesto, os que pretendessem deturpar a sua verdadeira significação, e analysemos se, esgarafunchando nos *intuitos ambiciosos* ou nos *interesses politicos*, alguma coisa conseguiriam de positivo.

Foi o sr. dr. Cunha e Costa republicano durante toda a sua vida.

Por esse ideal combateu com a fé d' um crente e com a illusão d' um bem intencionado, por espaço de 20 annos, pondo ao serviço da causa republicana a maior somma da sua intelligencia, os melhores annos da sua vida, o vigor mais energico do seu saber. Expoz-se quando foi preciso, e, no ataque ás instituições interrompidas em 5 d' outubro, occupou varias vezes os postos mais arriscados.

Com esse passado repleto de serviços á, então sua causa, o foi encontrar a republica quando do seu imprevisto parto. Possuía o partido republicano, n' essa epoca, pouco mais de meia duzia de cabeças (que mais tarde se evidenciaram apenas cabáças) embora o numero de pés attingisse alguns centos. Entre essas cabeças, sem duvida era a do sr. dr. Cunha e Costa a melhor, *segundo affirmavam os proprios republicanos*. Esta circumstancia junta ao que lhe deviam anteriormente, assegurava absolutamente a esse caudillo da democracia um lugar de destaque. Porque o não teve? Porque não quiz. E por que não quiz o sr. dr. Cunha e Costa ir até onde lhe apettesse, desde o lugar de ministro até ao de chefe de partido?

A resposta encontra-se facilmente na repugnancia que uma pessoa aiseiada tem sempre em ir sentar-se junto d' um piolhoso.

O sr. dr. Cunha e Costa teve medo do contacto... recebeu os *bichinhos*. Viu e mostrou assim mais uma vez a sua grande percepção que, no meio onde os srs. Estevões, os srs. Rodrigues, os srs. Borges, e tantos outros de igual phosphoro, brilhavam como estrellas de primeira grandeza, elle nada mais devia ser do que uma lamparina. E resolveu *apagar-se* para não colaborar... no incendio que tudo devastava, desde a decencia ao respeito, desde a moral á justiça.

Não quiz ser cumplice; não quiz ser connivente.

Gritou ainda pela salvação, primeiro em segredo com a carinho dos que, durante vinte annos ligam a sua existencia á existencia de um ideal. Debalde o fez. Clamou depois em publico para que todos o ouvissem, para que o seu brado fosse um aviso aos sinceros, aos que elle pensava terem querido construir um edificio e não um covil. Mas só poudo concluir pelo silencio, que não havia sinceros, distinguindo apenas o cavar sinistro da ruina, primeiro nos alicerces da Ideia depois nos caboucos da propria Patria.

Então toda a energia mascula do seu temperamento de combatente, todo o amor do seu grande coração de portuguez se revoltou. Elle, republicano, não tinha querido um crime. Trabalhara, ardentemente sim, pelo triumpho d' um principio que se lhe afigurava melhor porque o havia idealisado bom, e nunca para a se-

menteira d'um regabofe, onde os destinos da Nação seriam jogados como *milhas* de chinquillo.

Reflectiu então; chorou talvez...

Sim, o seu coração deve ter sangrado lagrimas de íntima saudade, menos talvez pela desilusão soffrida com a fallencia do Princípio politico, do que pela forma como via assassinado... o seu Ideal pelos proprios coripeus que, por escarneo se intitulam seus defensores.

Não foi portanto o sr. dr. Cunha e Costa tudo o que quizesse ter sido na republica, por que não quiz ser coisa alguma.

O mais infantil raciocinio mostra que, para esse homem de excepcional envergadura, bastava ligar-se a qualquer dos magnates arvorados... por si proprios, em chefes de partido, para, ao fim de oito dias, chefe, correligionarios e correligionarias serem todos um simples brinquedo na sua mão. Podia te-lo feito por simples passatempo recreativo; por mero *sport* de disfructo. E imaginem quanto poderia ter gosado, se se tivesse disposto a brincar aos estadistas como o sr. Affonso Costa, aos intellectuaes como o sr. Brito Camacho, aos populares como o sr. Antonio José!

Mas o sr. dr. Cunha e Costa viu que o momento era grave e decisivo de mais para passatempos alegres, porque n'esta tristissima blague, lugubres e terriveis signaes se notam já.

Não hesitou então mais um momento; e, a *frio*, *racionadamente e por outro não haver melhor*, adopta o campo monarchico para exercer a sua acção, para defender o Paiz escravizado, para defender o Povo ludibriado, para defender a Justiça ultrajada, para defender o Direito escarnecido, para defender a Historia amesquinhada.

Ambição? Interesse? Sim. Ambição de salvar uma Patria. Interesse de rehabilitar um Povo.

Perante esse gesto de tão sublime grandeza, possivel é que rosnem os que para mais não servem. Esses, que fiquem onde estão, porque é ahi realmente o seu lugar.

A Monarchia, em proveitos ou honrarias nunca poderá dar mais ao sr. dr. Cunha e Costa do que a republica lhe proporcionou. A differença está só em que, *ficando*, collaborava na destruição collectiva, *vindo*, trabalha pela reconstrução geral.

Foi este o seu mobil; como tal deve ser apreciado; como tal todo o Paiz o deve reconhecer.

Cumpre-nos portanto a nós, monarchicos de sempre, saudar o sr. dr. Cunha e Costa com o entusiasmo com que se sauda não só um espirito de raro valor, mas principalmente pelo alto exemplo de patriotismo que a sua nobilissima attitude veio demonstrar.

E agora.. chame-lhe o de S. Roque *mediocre* e *maluco*, que é para não serem tudo tristezas.

## POR CAUSA DAS MOSCAS...

Recebemos a seguinte carta:

Sr. Redactor d'O Thalassa!

Porque será que o ex-rei de S. Thomé e chefe honorario do batalhão de Formigas *continua* a ser guardado de noite por patrulhas da Guarda Municipal e policia civica — isto sem fallar na competente guarda de honra formada por militares do dito batalhão?

Será uma homenagem nacional?

Um curioso

Não sr. E' uma homenagem *formigal*.

## P'RA ONDE VAMOS?

Zé Relvas, com violino e tudo, abandona ingratamente Madrid d'onde traz as impressões que, com toda a clareza, expõe ao Senado; o poeta de Freixo de Espada á Cinta, já exonerado de representante da Republica na Suissa, vae a Berne dizer adeus á sociedade, depois de ter posto tudo em pratos limpos no barquete que o sr. Grandella offerceu ao sr. Bernardino para metter ferro ao sr. Affonso; Freire d'Andrade troca a sua situação de alto funcionario da confiança do regimen, que ha tres annos vinha distructando, pelo lugar de gerente de uma casa particular; Miguel d'Abreu renuncia de *verdad* o seu *fauteil* no parlamento; o deputado por Villa Real, o governador civil substituto e o chefe dos *democraticos* da mesma capital trasmontana *licenciam-se* na politica.

O conjunto d'estes factos não dá a idéa de um desmanchar de feira? Terá isto o fim do figo da anedocta, cahindo por si?

... M.<sup>me</sup> de Thebes não costuma fallar nas suas prophacias!

## BATE CERTO

*Feira das bestas* — diz-nos um investigador historico — assim se chamava antigamente ao largo onde está o Palacio Regaleira, occupado hoje pelo *Rocio Lisboa e Centro Democratico*, segundo consta do 2.<sup>o</sup> volume da *Lisboa Antiga* do Visconde de Castilho.

Nada temos que objectar illustre investigador. Realmente a historia repete-se.

## NO PAIZ DO BRODIO.

O administrador do concelho de Tavira reclamou contra a inscripção de um tenente-coronel no recenseamento eleitoral com o fundamento de que não sabe ler nem escrever!

E' isto! Desde que ao exercito deram o barrete bulgaro é, por todos os modos, bumba que bumba como em *cabeça de turco!*

Que grande chuchadeira, e que gente tão divertida!...

## IDEIA FIXA.

O nosso magnifico Faustino declarou no Senado que os fraudes nunca fizeram nada de bom.

Lá que o cidadão tem frade engasgado, d'isso é que não pode restar duvida a ninguem.

## Reportagem illustrada



A creada do sr. Moreira d'Almeida foi chamada ao quartel d'infanteria 2 para prestar esclarecimentos sobre o processo do seu amo.

Chorae policia, chorae  
Que os bons tempos já lá vão.

REQUERIMENTO CORDEAL



Ex<sup>mo</sup> Cidadão

Eu abaixo assignado, em vista da V<sup>ra</sup> Ex<sup>ta</sup> e  
 Considerando que a respeito de pacificação e' o que se vê  
 e-considerando que tudo isto está cada vez mais sem  
 que com respeito a colônias foi um ar que lhes deu, isto é, vão  
 de e-considerando que os operarios não têm  
 porque não ha dinheiro, e não ha CHETA porque  
 ha e ha porque não ha juiz, e-consideran  
 do que as relações com as potencias nunca foram tão amistosas como agora,  
 e considerando que os monar  
 chicos ou são "mobs" ou são  
 "escrocs" (sem desfazer) haja vista etc, etc, e considerando que quem  
 usa  
 casaca é provocador; e-considerando que tudo isto vai num  
 venho respeitosamente requerer a V. Ex<sup>ta</sup> que



O THALASSA

(por copia) - J. Colaco



## Album dos presos políticos

1.º — **Dr. José Lobo d'Avila Lima.** — Lente Cathedraico da Faculdade de Direito na Universidade de Coimbra, e um dos talentos mais brilhantes da geração moderna tendo conquistado aquelle seu alto logar, em de, que foi demittido arbitrariamente pelo ministro Sousa Junior, em concurso por provas publicas. Escripitor de raro merecimento contando-se nos seus numerosos trabalhos, entre outros, os importantes estudos: *Movimento Operario em Portugal, Politica Social e Politica Internacional*. Em 21 de Outubro, sabendo-se perseguido, refugiu-se na legação brasileira, apresentando-se dias depois voluntariamente ás autoridades que o prenderam e conservaram durante 30 dias incomunicavel. Transferido para a cadeia do Porto d'onde sahio por effeito do decreto de 21 de Fevereiro de 1914.

2.º — **Dr. João Moreira d'Almeida.** — Bacharel formado em Direito e um dos alumnos mais distinctos do seu tempo na Universidade de Coimbra, tendo concluido a sua formatura aos 20 annos.

Preso com seu pae o eminente director do *Diá* a bordo d'um navio norueguez em Outubro de 1913. Esteve na cadeia do Porto, sendo restituído á liberdade pelo chamado decreto de amnistia.

3.º — **José Antonio da Silva Carvalho** — de Cucujaes (Oliveira de Azeméis). Respeitabilissimo ancião de 77 annos de idade. Preso em Espinho a 4 de Outubro de 1911 como supposto chefe do *complot* d'aquella villa e emissario entre o mesmo e o do Porto. Esteve incomunicavel durante 10 dias; por duas vezes.

Transferido da cadeia de Espinho para a de Aveiro e d'ahi para Lisboa dando entrada no Forte de Caxias onde permaneceu durante 88 dias sem culpa formada.

No trajecto, e á sua chegada á capital, foi insultado pela população e pelos soldados que, não respeitando á sua situação de preso nem á sua provecida idade, o aggrederam brutalmente a socco, pontapé e coronhada. Posto em liberdade a 30 de Dezembro de 1911.

4.º — **António Jeronymo.** — Ex-soldado da guarda Municipal. Preso a 19 de Julho de 1912 por accusação de connivencia no *complot* de Evora. Esteve incomunicavel durante 8 dias, sendo julgado a 24 de Maio de 1913 no tribunal mercal que o condemnou a 20 mezes de prisão correccional e igual tempo de multa a 100 réis por dia. Restituído á liberdade pelo decreto de 21 de fevereiro de 1914.

## PONTOS NOS II.

O sr. Eça, o funebre e enguicho da situação, fez no parlamento a declaração sensacional de que, *ao nosso exercito falta tudo!*

Bem sabemos e sabe-o toda a gente que, pelo que respeita ao exercito, o espolio da monarchia não podia ser mais pindérico! Uma misería!

O material Schneider-Canet para a artilharia, as carabinas Manlicher para a cavallaria, as espingardas Mauser-Vergueiro para infantaria, as metralhadoras Maxim para os caçadores, os parques dos diversos serviços da engenharia, o material de mobilisação, não passaram de insatisfeitas aspirações!

Fabrica d'armas, fundição de canhões, deposito de material de guerra e de mobilia, fabricas de polyora negra e sem fumo, officinas e deposito de fardamento, manutenção militar, carreiras e campos de tiro, escolas praticas de todas as armas, campo entrincheirado de Lisboa, não passaram de outros tantos *songes d'une nuit d'été!*

Mas, pelo torreão occidental do Terreiro do Paço ja teem passado quatro ministros *luminosos*, com correio e tudo, recebendo o dobro do vencimento que recebiam os *ominosos*, os orçamentos do ministerio da guerra quasi dobraram os pés com a cabeça e a honestidade ha tres annos é meio que tomou conta da administração do Estado!

E vem agora o sr. Eça confessar que ao exercito falta tudo! Que conclusões se devem pois, muito imparcialmente, tirar d'aquella confissão! Que os quatro antecessores do sr. Eça sobraçaram a pasta para satisfizerem a vaidade de serem ministros ou para se locupletarem com os respectivos ordenados e emolumentos e que as verbas consignadas nos orçamentos para as despesas do ministerio da guerra foram distrahidas do seu legal destino, que decreto não foi o de acudir com supprimentos á Casa Real!

O sr. Eça porem, carregou as sombras do quadro! O sr. Eça exaggerou! Pois não está o exercito dotado de barrete bulgaro, de casaco allemão, de calças francezas, e... do mais que se sabe?..

## FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço, somos obrigados a retirar á ultima hora diversas noticias relativas a correspondencia que temos recebido, entre as quaes uma carta sobre o partido monarchico. De tudo nos occuparemos no proximo numero pedindo desculpa aos nossos leitores da demora, mas *O Thalassa*, felizmente, tem tantos amigos, que não chega para as encomendas.

Que paiz de reaccionarios é este nosso!

## O THALASSA

### CAPAS E COLECCOES

As **capas** para a colleção do 1.º anno d'O Thalassa devem ser pedidas á venda por toda a proxima semana.

Cada capa em linda percalina azul e branca com letras a ouro fino e uma esplendida illustração de Jorge Colaço, custa apenas **700 réis**.

Os **coleccionadores** que desejem encarregar-nos da encadernação podem enviar-nos para a redacção as suas colleções devidamente registadas. Por este trabalho acresce mais a importancia de **300 réis** por ter de ser executado com perfeição afim das paginas centrais não ficarem inutilizadas.

Brevemente estaremos tambem habilitados a satisfazer todos os pedidos dos numeros 2 e 27 que se acham esgotados, e cuja reimpressão está quasi concluida, tencionando nós por á venda pelo preço de **2.000 réis** colleções completas e encadernadas do 1.º anno d'O THALASSA.

Os pedidos definitivos devem sempre vir acompanhados da importancia de (700 réis) em estampillas ou vales do correio.

Os pedidos pelo correio são accrescidos do porte, lembrando a vantagem de remetterem o preço do registro (70 réis) para maior segurança na entrega.

Ficam assim esclarecidos e satisfeitos todos os pedidos que nos teem sido dirigidos n'este sentido e a que, por numerosos, se torna impossivel responder particularmente com a pontualidade desejada.

## Homenagem a Moreira d'Almeida

Os abaixo assignados, reunidos em commissão, julgam interpretar os sentimentos de todos os admiradores do elevado caracter e do brilhante talento de Moreira d'Almeida, abrindo uma subscrição com o fim de adquirir um tinteiro d'homenagem que será offerecido ao eminente director do *Dia* em nome de todos os subscriptores.

A inscrição está aberta na redacção d'O Thalassa — rua da Rosa, n.º 162, r.º, D., — onde podem ser requisitadas as respectivas listas para subscriptores.

Lisboa, e redacção d'O Thalassa em 19 de Março de 1914.

### A Commissão

Conde de Sabugosa  
Conde de Tarouca  
Marquez de Ficalho  
João Costa  
Jorge Colaço  
E. Severim de Azevedo (Crispim)

Transporte. . . . .	110\$000
Antonio da Costa Gouveia e Cunha (Regoa) . . . . .	5\$000
J. Nobre Sobrinho . . . . .	1\$000
E. M. da Silveira (Porto) . . . . .	5\$000
Arthur Emauz . . . . .	5\$000
J. S. Dias da Silva . . . . .	5\$000
Francisco da Costa Salema (Thomar) . . . . .	1\$000
A. J. Pinto da Fonseca (Porto) . . . . .	5\$000
Antonio Pinto de Mesquita Carvalho de Magalhães (Porto) . . . . .	5\$000
E. Casal . . . . .	5\$00
Antonio Vasco G. Costa (Soure) . . . . .	5\$00
C. N. G. . . . .	5\$000
Alexandre da Fonseca . . . . .	2\$000
C. P. . . . .	10\$000
Manoel Guimarães Pestana (Porto) . . . . .	10\$000
Antonio Henriques Ferreira (Alvaizere) . . . . .	1\$000
Conde de Leça . . . . .	10\$000
José Pereira Mimoso (Portimão) . . . . .	5\$00
Conselheiro João José de Sousa Lage . . . . .	5\$000
Constancio Antonio Alvares Ribeiro (Porto) . . . . .	5\$000
Jayme da Motta (Coimbra) . . . . .	1\$000
James A. de Mascarenhas . . . . .	2\$000
Manoel Tavares de Medeiros . . . . .	1\$000
João Bregaro . . . . .	5\$000
Eduardo Perestrello de Vasconcellos . . . . .	10\$000
A transportar . . . . .	210\$500

N. R. — Para esta subscrição aceita-se qualquer donativo, por mais insignificante que seja.

## Theatros

**GYMNASIO**—A's 9 h.—A chistosa comedia em 4 actos *deputado independente* cujo successo se mantém com successos enchenes. O notavel trabalho de Alvaro Lima e Chagas Roquette é sem exaggero dos melhores que no seu genero se teem representado ultimamente em palcos portuguezes.

**TRINDADE** A's 9 h.—Estreia da afamada operetta alemã de H. V. Waldberg e Julius Wilhelm *Nina*, em que a distincta actriz Judice da Costa tem um trabalho assombroso de arte. O scenario é magnifico assim como o desempenho que está confiada aos melhores artistas das companhias. A musica, de Bruno Hartt é lindissima, talvez das melhores partituras que teem sido cantadas em theatros portuguezes de operetta.

**APPOLO**—A's 9 h.—*Paz e União* é a revista de maior successo da actualidade. Nascimento Fernandes, Roldão e Gentil, tres comicos de grande merecimento, teem n'esta peça veada deiras creações.

A revista *Paz e União* é diariamente ampliada com novos numeros, tornando-a interessantissima, e o publico que todas as noites enche por completo este elegante theatro não se cansa de applaudir o trabalho de todos os distinctos artistas d'esta companhia.

**RUA DOS CONDES**—A's 9 h.—Repete-se a revista 32 que conta já 500 representações. O 32 é peça que jennais sabe do cartaz attento o successo que dia a dia vae obtendo.

Continua em ensaios a operetta *Guerra aos homens* de Adelino de Sousa com musica de Bernardo e Hugo Vidal.

## Animatographos

Terrasse: Rua Antonio Maria Cardoso.—Olympia: Rua dos Condes.—Salão da Trindade: Rua da Trindade.—Central: Avenida da Liberdade.—Chantecler: Praça dos Restauradores.

Sentida homenagem do "THALASSA"



RAMIRO PINTO

(Morto a tiro nos tumultos do theatro do Gymnasio)